

Os Limites do Turismo ou o Turismo como Tragédia e Farsa: uma análise da série *Turismo Macabro*

Dark Tourist. Dir. David Farrier e Paul Horan, Nova Zelândia, 2018, inglês, Netflix.

Dorival Bonfá Neto^a

Resumo

O turismo foi historicamente tratado e empregado com um fim econômico, produzindo uma prática turística economicista e de massas, que mercantilizou a natureza, a paisagem e o ambiente, trazendo conflitos territoriais e mudanças culturais. O chamado *Dark tourism* é uma modalidade que está em crescimento e evidência, sendo recentemente colocada em pauta devido à série *Dark Tourist* (Netflix, 2018), em que o apresentador visita, sob uma perspectiva de turista, diversos tipos de fenômenos tidos como exóticos. Pretende-se nestas páginas fazer uma breve leitura crítica da série documental, centrada na relação do protagonista com os lugares visitados, em que as práticas e os fenômenos representados na série são vistos como reprodução das contradições do capital, materializadas em ações que consomem paisagens e ambientes, revisa falsamente a história e estereotipa a imagem do outro, mas que, se tratada de outra maneira, possui um potencial pedagógico.

Palavras-chave: David Farrier; Documentários turísticos; Tragédia e Farsa; Turismo; Turismo macabro.

Abstract

The Limits of Tourism or the Tourism as Tragedy and Farce: an analysis of the *Dark Tourist* series

Tourism has historically been treated with an economic purpose, producing an economicist and mass tourism practice that commodified nature, the landscape, and the environment, bringing about territorial conflicts and cultural changes. What is known as dark tourism is a growing and evident modality that has recently been put on the agenda due to the *Dark Tourist* series (Netflix, 2018), in which its host visits various types of phenomena considered exotic from a tourist perspective. In these pages, I intend to make a brief critical reading of this documentary series that centers on the protagonist's relationship with the visited places and sees the practices and phenomena represented in the series as a reproduction of the contradictions of capital that materialize themselves in actions that consume landscapes and environments, falsely revise history, and stereotypes the image of the other but which, if treated in another way, has a pedagogical potential.

Keywords: David Farrier; Tourist documentaries; Tragedy and Farce; Tourism; Dark tourism.

a. Doutor em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo e em Geografia pela Universidad Nacional de Colombia. E-mail: bonfaneto@hotmail.com

Resumen

Los Límites del Turismo o el Turismo como Tragedia y Farsa: un análisis de la serie *Dark Tourist*

El turismo históricamente ha sido tratado con una finalidad económica, lo que produce una práctica turística economicista y de masas que mercantilizó la naturaleza, el paisaje y el ambiente, provocando conflictos territoriales y cambios culturales. El llamado turismo oscuro es una práctica que se viene aumentando y, recientemente, fue puesto en evidencia a raíz de la serie *Dark Tourist* (Netflix, 2018), en la cual el presentador visita, desde una perspectiva turística, diversos tipos de fenómenos considerados exóticos. En estas páginas se pretende hacer una breve lectura crítica de la serie documental, centrada en la relación del protagonista con los lugares visitados, en la que las prácticas y los fenómenos representados en la serie son vistos como una reproducción de las contradicciones del capital materializado en acciones, que consume paisajes y ambientes, revisa falsamente la historia y estereotipa la imagen del otro, pero que, si lo trata de otra manera, tiene un potencial pedagógico.

Palabras clave: David Farrier; Documentales turísticos; Tragedia y Farsa; Turismo; Turismo oscuro.

INTRODUÇÃO

A série *Turismo Macabro* (*Dark Tourist*, Netflix, 2018) discorre sobre um repórter, David Farrier (1982, Nova Zelândia), que também é protagonista e diretor da produção, jornalista, apresentador de televisão, ator e diretor. Ele ganhou notoriedade internacional após codirigir o documentário *Tickled* (HBO, 2016), mas em seu país já era conhecido por investigar coisas insólitas que ocorrem pelo mundo. Ele também dirigiu o documentário *Short Poppies* (2014), e tem como *alma mater* a *Auckland University of Technology*.

Na série *Dark Tourist* (2018), Farrier visita alguns lugares onde vai encontrar coisas tidas como exóticas ou bizarras. Os intérpretes são, além do protagonista, pessoas que consomem, oferecem, proporcionam ou praticam o chamado turismo macabro, *tanatoturismo* ou *turismo oscuro* (em espanhol) ou *dark tourism* (em inglês). Os lugares visitados foram os seguintes: Colômbia e México (Episódio 1), Japão (Episódio 2), Estados Unidos (Episódios 3 e 8), Cazaquistão e Turcomenistão (Episódio 4), Inglaterra, Grécia e Chipre (Episódio 5), Cambodja, Mianmmar e Indonésia (Episódio 6), Benin e África do Sul (Episódio 7).

O protagonista percorre essas regiões buscando fenômenos (lugares ou situações) tidos como macabros ou exóticos e que são consumidos como produtos turísticos por um público seletivo e inusual. Entre esses estão algumas práticas culturais, como rituais religiosos ou festivos, e grupos de pessoas que rememoram ou possuem algum tipo de saudosismo histórico relacionado a momentos/ eventos, personagens ou mesmo paisagens produzidas por algum tipo de conflito social ou socioambiental. Tudo isso é colocado como exótico/sombrio, em uma homogeneização de diferentes fenômenos que são agrupados dentro do conceito de *dark tourism*.

Em nenhum momento o documentarista esclarece o critério utilizado para chegar aos lugares e nem sua concepção de turismo, mas a série demonstra o chamado turismo macabro como prática e como fenômeno. Essa modalidade de turismo vem sendo estudada desde os anos 1990 por pesquisadores europeus –

o conceito *dark tourism* foi cunhado em 1996 por pesquisadores britânicos (BBC, 2018; Palomino, 2014) – mas ganha expressividade após os anos 2010, tendo os países do Norte global como emissores (especialmente Europa e Estados Unidos).

Na série *Turismo Macabro*, o *dark tourism* é feito através da homogeneização de diversos fenômenos socioespaciais¹, paisagens e culturas, que são colocados como macabros/sombrios, definidos, segundo David, pela máxima “Quanto mais repugnante a atração, maior é o negócio”. Ou seja, os atrativos turísticos dessa modalidade são *tragédias* e *farsas*². *Tragédias* porque foram catástrofes (naturais, culturais, violências e contradições do capital materializadas) que tiveram graves consequências sociais, culturais, econômicas e ambientais, mas que estão colocadas agora como *farsas* (situações recriadas para simular ou reviver algum caso, personagem, lugar de tragédias etc.), criadas através da produção de imagens de uma realidade que se apresenta como um espetáculo, como coloca Guy Debord (2003). Dessa maneira, o turismo macabro vai vender essas experiências em si, e não um produto *per se*, como já opera o turismo convencional (Fletcher, 2016).

O TURISMO MACABRO E A SÉRIE *DARK TOURIST*

A Organização Mundial do Turismo (OMT, 2022) classifica o turismo como um fenômeno social, cultural e econômico relacionado ao movimento de pessoas a lugares diferentes daqueles de residência, por motivos pessoais ou profissionais. Historicamente, a atividade é pensada de um ponto de vista economicista, como um motor para o desenvolvimento. Contudo, o turismo é um fenômeno socioespacial de deslocamento que abarca relações políticas, culturais, econômicas e ambientais.

Consideramos o turismo como atividade moderna, que se expande sobretudo após os anos 1950 nos países do Sul Global, causando impactos sociais, culturais e econômicos nos territórios, através do consumo de paisagem e da produção de territorialidades, que pode causar exclusão, desigualdade, estratificação social, hibridizações culturais (Canclini, 2015) e outros impactos. Ou seja, o turismo como um importante fator para a reprodução ampliada do capital e para a mercantilização da natureza.

O *dark tourism*, por sua vez, é um fenômeno contemporâneo. Ainda que viajar a lugares relacionados com a morte não seja uma prática recente, o auge do turismo como um setor econômico fundamental – uma “indústria do turismo” – tem disparado a busca por esse tipo de turismo (macabro, *tanatoturismo*, *oscuro*

1. “Socioespacial” faz alusão ao espaço e às suas relações sociais em conjunto, a uma realidade social total (Souza, 2018).
2. O termo se baseia na ideia de Marx colocada em *O 18 Brumário de Luís Bonaparte* (1852/2011), em que a *farsa* foi o golpe que colocou Carlos Luís Napoleão Bonaparte (Napoleão III) no poder em 1848, através de uma aliança entre partidos burgueses, que traiu e retirou as lideranças proletárias do jogo político, fato que, para Marx, teria sido uma consequência dos rumos da revolução francesa e do golpe de Estado dado por Napoleão Bonaparte (ou Napoleão I), que assume o poder em 1799 impondo um Estado forte, expansionista e imperial, a serviço da burguesia, o que teria sido, para Marx (2011), a *tragédia*. O título do livro faz alusão ao golpe de Estado dado pelo primeiro Napoleão em 1799, no dia 18 Brumário. Por isso, ao atribuir esse título à obra, Marx faz uma ironia, em que o golpe de Napoleão III era uma cópia, uma *farsa*, daquele dado pelo tio, a *tragédia*.

ou *dark*), sobretudo aqueles relacionados com a morte e com tragédias (BBC, 2018; El espectador, 2019; El tiempo, 2021; Hernanz, 2019; Martínez, 2022; Molina & Skinner, 2022; Palomino, 2014).

Esse tipo de turismo consome destinos onde se adentram em culturas distintas (das ocidentalizadas), lugares ou situações desconhecidas ou diferentes, cenários onde houve desastres naturais, acidentes de grandes magnitudes, guerras, exorcismos, rituais ou outros tipos de conflitos. Isso vai ao encontro de Fletcher (2016), que afirma que o turismo consegue transformar até as contradições mais íntimas e intensas do sistema capitalista em atrativos, através da espetacularização social, a qual demonstra Guy Debord (2003). As redes sociais têm transformado esse tipo de turismo em algo mais bizarro, convertendo cenários históricos de memória, justiça e consciência em fundos de *selfies* sorridentes. Inclusive existem guias de *dark tourism* que hierarquizam as tragédias e os lugares³. O próprio autor chega a falar em lugares da “lista do turismo macabro”.

Entre as principais modalidades desse turismo, não necessariamente as representadas na série *Dark Tourist* (2018), estão:

- Lugares de visita e atração centrados no divertimento, como parques temáticos “macabros”, ou mesmo rotas por lugares com simulações de cenas, eventos e paisagens. Um exemplo é quando David paga a um guia que vende a experiência de atravessar ilegalmente a fronteira do México com os Estados Unidos (Episódio 1), um fenômeno conflituoso e sangrento que deixa duras marcas nas vidas das pessoas, e que, portanto, não deveria ser reproduzido assim como farsa, como um simulacro de uma experiência trágica, ainda mais sem nenhuma contextualização e problematização do fato;
- Exibições macabras, em que as pessoas veem coisas “bizarras”, que algumas vezes são pedagógicas, como museus, mas que também podem ser fonte de desinformação. Por exemplo, na Europa (Episódio 5), o documentarista vai para museus ilegais que falsificam a história e disseminam mentira, xenofobia, preconceito e racismo;
- Prisões, manicômios, cemitérios, lugares de descanso, dor, sofrimento e/ou controle. Por exemplo, viagens e rotas aos antigos campos de concentração;
- Santuários ou grupos que se encontram para fazer rituais. David retrata pessoas que acreditam ser vampiras (Episódio 3, Estados Unidos), um grupo que espera um apocalipse zumbi (Episódio 8, Estados Unidos) e um grupo de supremacistas brancos na África do Sul (Episódio 7). Podem ser representados também aspectos da cultura, como os rituais da Santa Morte (Episódio 1, México), e o ritual funerário de cultivo de corpos por um longo período de tempo, com duração de até um ano, praticado em algumas cidades

3. ABC. (2022). *Estos son los 15 destinos turísticos más siniestros del mundo*. ABC destinos. Disponível em: https://www.abc.es/viajar/destinos/abci-estos-15-destinos-turisticos-mas-siniestros-mundo-202206061922_noticia.html; Lloyd, S. (2022). *Top Seven Dark Tourism Destinations in the World*. Newsweek. Disponível em: <https://www.newsweek.com/top-seven-dark-tourism-destinations-world-1709064>; Ribeiro, T.A. (2014). *Turismo Macabro: 25 locais com passados sinistros*. Mega curioso. Disponível em: <https://www.megacurioso.com.br/bizarro/46979-turismo-macabro-25-locais-com-passados-sinistros.htm>.

da região de Toraja (Episódio 6, Indonésia), e que está repleto de representações sobre a morte incompatíveis com a nossa representação ocidental;

- Cenários bélicos – passados, contemporâneos ou atuais –, de genocídios ou outros conflitos. Farrier vai para Famagusta (Episódio 5), cidade sitiada na fronteira entre Grécia e Chipre, onde se propõe a cruzar uma zona militar que claramente não é uma opção turística, mas um território em disputa, fruto de um conflito geopolítico, que possui suas implicações sociais, culturais etc. Outros casos desses são os roteiros de vidas de pessoas, como psicopatas (muitos nos Estados Unidos). Por exemplo, em Tennessee, uma mulher, fazendo um tour por lugares da vida de um psicopata, chega a afirmar, sorrindo, que “Nós gostamos dos homens maus” (Episódio 3). David também visita o tour do Charles Manson, cujos guias são admiradores de uma figura e de suas ideias neonazistas e racistas⁴. Em Milwaukee, o protagonista faz um tour sobre a vida do *serial killer* Jeffrey Dahmer – que recentemente foi o protagonista de uma minissérie (*Dahmer: um canibal americano*, Netflix, 2022) – com uma mulher obcecada pelo psicopata, e que discute seus atos como se eles tivessem sido honrosos;
- Lugares de catástrofes, naturais ou socioambientais, como sítios de explosão nuclear. Por exemplo, Pompeia e Chernobyl (este um dos principais lugares do *dark tourism*, que teve um aumento brutal no número de visitas após a série *Chernobyl* – HBO 2019; Hernanz, 2019);
- Há aqueles episódios em que sequer é praticado o turismo, pois David vai a lugares com configurações socioespaciais diferentes, zonas de conflito ou países com regimes políticos mais controladores ou com coisas que são juridicamente legais, e encontra práticas exóticas para quem vive no Ocidente. Em Camboja, um país com “passado sombrio e socialista” (David, Episódio 6), Ferrier encontra-se com turistas ingleses que dizem que lá tudo é desorganizado, as bebidas alcóolicas são baratas etc. Então eles decidem ir a um lugar onde podem pagar para atirar e matar o que quiserem (inclusive em vacas com bazucas!). Isso demonstra um dilema militar atual (sobretudo com o desenvolvimento de armas hipersônicas), que é o fato de as armas influenciarem na percepção ética e moral de quem atira, pois David não consegue atirar no alvo⁵!

Esses dilemas evidenciam como o *dark tourism* é um fenômeno complexo, uma vez que as motivações também são diversas, assim como as “atrações”. David afirma que “Talvez o fim do turismo macabro seja se sentir mais feliz em estar vivo” (Episódio 1). A busca pelo *tanatoturismo*, segundo o autor, ocorre também porque as pessoas querem superar os medos, os preconceitos etc. (Episódio 6).

4. É curioso como o cineasta Quentin Tarantino faz uma revisão oposta à desses conspiracionistas no filme *Era uma vez em Hollywood* (2019), em que a história é recriada, mas retratando a morte de Manson e seu grupo neonazista.

5. Isso pode ser explicado pela “Teoria da repugnância de matar”, do psicólogo e ex-militar estadunidense Dave Grossman, que diz que, quanto mais próximo o atirador está do alvo, maior é a resistência em atirar.

Mas será que é possível superar os preconceitos estereotipando e afastando o outro? (Castro-Gómez, 2005). A resposta é não!

Consideramos que algumas motivações para esse turismo podem ser: fascinação ou curiosidade em ver temas relacionados com a morte e com o sofrimento; interesse no conhecimento, em fatos históricos e na cultura, um “turismo pedagógico”, como no Episódio 1, em que *narcoturistas* afirmam que “só querem conhecer a história” – mas para isso é necessário que haja uma contextualização, conscientização e politização dos fenômenos, com a ideia de contar a história do ponto de vista dos oprimidos e derrotados, “[...] escovar a história a contrapelo”, tal qual propõe Benjamin (1987, p. 225); aqueles turistas que sentem uma motivação espiritual ou emocional para visitar esse tipo de lugar, como uma peregrinação, um “dever moral” que pode estar baseado em um sentimento de empatia com as vítimas, com o “autor”, ou ser apenas uma necessidade de se conectar, ainda que simbolicamente, com a morte; e aqueles que não possuem uma motivação especial, que vão porque é uma atração turística. De maneira geral, todas essas motivações tratam o turismo como uma solução psicológica ao excesso de trabalho, aos problemas psicológicos, ao estresse cotidiano, ou seja, uma necessidade de fuga (Fletcher, 2016), mesmo que recriando um passado do qual se deseja fugir.

Podemos dizer que a série retrata não o turismo de massas, mas uma massa de turistas, atores e indivíduos que atuam de maneira parecida, que se encontram na busca por coisas parecidas, que na série documental são todas “exóticas”. Porém, às vezes escapa à regra, no sentido de que muitos nem são turistas, pois não realizam o turismo como prática, uma vez que os lugares que visitam estão em suas próprias cidades e em seus cotidianos, não havendo o elemento da mobilidade espacial, central para a prática turística (OMT, 2022), ainda que haja a fuga da rotina laboral. Isso já questiona o título de turismo dado a muitas das práticas representadas na série, pois em muitas delas não há mobilidade espacial (pois são atividades que fazem parte dos cotidianos das pessoas, como aqueles que se acham vampiros nos Estados Unidos e fazem rituais, os supremacistas brancos da África do Sul e dos Estados Unidos etc.), ou são representados fenômenos típicos da cultura de um povo, como cultos religiosos (sobretudo nos países tidos como mais exóticos, como os africanos e os do Sudeste Asiático), por exemplo, a cerimônia Vodou (Episódio 7) e a Santa Morte (Episódio 1); ou são lugares que sequer são turísticos, mas que possuem formas de organização diferente, por exemplo, o Sudeste Asiático (Episódio 6) ou os dois países da Ásia Central, visitados por Farrier, muitos deles marcados pela corrupção, ditadura e por um passado nuclear relacionado com a antiga União Soviética. O documentarista objetiva ver as marcas desse passado na sociedade do país, ainda que de uma maneira exótica ou cômica, colocando o conflito, que também deixou suas marcas, inclusive na saúde pública, como um fenômeno fantasioso, uma “ficção científica”. Em Ashgabat (Turcomenistão) – onde há “ditadura fria e sanguinária, que desaparece e persegue jornalistas” (David, Episódio 4) –, cidade com poucas pessoas e construções faraônicas, Farrier se passa por jornalista esportivo, o que faz com que o episódio se aproxime mais de uma reportagem do que de uma prática turística.

Ao representarem fenômenos culturais como exóticos e bizarros, sobretudo os africanos ou asiáticos, reforça-se um colonialismo presente no saber,

mas também no ser e no poder, como coloca Santiago Castro-Gómez (2005). Além disso, ao retratar esses aspectos da cultura – como os cultos, as lendas e os mitos – como exóticos, o autor se esquece de um princípio antropológico básico, o relativismo cultural, ou seja, que não existem culturas melhores nem piores, e que nenhum padrão deve ser estendido para a análise cultural (Gomes, 2019), e que o exótico só o é de um ponto de vista. David chega a afirmar que o turismo macabro é aquele em que se pode visitar “culturas bastante complicadas”.

A fala de um personagem – ex-sicário (capanga) de Pablo Escobar – ilustra muito bem a diferença e desigualdade nos pontos de vista, bem como, muitas vezes, as paisagens que escondem os conflitos socioespaciais que as formaram: “Olha essa cidade maravilhosa, é uma cidade maravilhosa construída sobre um cemitério, tem centenas de milhares de vítimas, e a forma de sair daqui, da pobreza, é essa [mostra a arma]. Você nunca irá me entender, porque viemos de mundos muito diferentes. Eu sou filho da violência, do sangue, das grades” (Popeye, Episódio 1).

Outro ponto interessante é que David visita diversos negacionistas (da Ciência, da História) e até neonazistas, sobretudo nos Estados Unidos, mas também alguns saudosistas do apartheid (na África do Sul), dentre outros. Isso evidencia como boa parte dessas ideias extremistas e radicais partem desse Norte Global, e como o turismo pode ser um mecanismo para disseminá-las através dessas “atrações”. Por exemplo, em Dallas, David vai fazer um tour do assassinato de Kennedy, e o guia é um conspiracionista que diz não se basear tanto nos fatos e mais no entretenimento. Farrier chega a afirmar que, “Para alguém que se diz historiador, isso soa mais como um conspiracionista [...]. Para o turismo macabro nada é tabu, e as pessoas amam isso” (Episódio 3). O problema é que romper esses tabus chega a ser antiético e amoral (Silver, 2018), devido, por exemplo, à mercantilização da dor, do sofrimento, da guerra e dos conflitos geopolíticos.

Nesse sentido, *Dark Tourist* ilustra como o Ocidente inventa, produz e constrói o Outro como algo diferente, subordinado, estereotipado e coisificado (Castro-Gómez, 2005), demonstrando como a alteridade é resguardada como um espetáculo (Debord, 2003). A massificação e a mercantilização de diversos espaços que são “turistificados” contribuem para a sua banalização e consumo como se fosse um prêmio (por exemplo, as *selfies*, em que o espetáculo é compartilhado nas redes sociais). Isso demonstra como o turismo é uma manifestação do capitalismo em sua forma mais criativa, pois transforma os obstáculos da acumulação em atrativos/mercadoria, como também faz com as contradições sociais, a desigualdade e os conflitos socioespaciais. Ou seja, a indústria do turismo vende o desenvolvimento desigual (e combinado) produzido pelo capitalismo, o que se passa em muitas escalas (global, regional e local). A questão moral e ética está na mercantilização do sofrimento, da morte, da tragédia, da memória histórica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dark Tourist é, então, sobre as relações de poder (em diversas escalas) e os limites do turismo (quem se beneficia? Que memória é beneficiada com o turismo?), que lucra através da mercantilização das tragédias, que deveriam

ser utilizadas para a conscientização, politização, sensibilização e justiça social, não para o capital.

Esses modelos de turismo macabro parecem estar sendo cada vez mais gerados, e, ainda que ocorram tragédias, a história e o turismo parecem se desenvolver cada vez mais como farsa que se apropria delas. Em contraponto, esse tipo de turismo possui um potencial pedagógico para de se tornar uma ferramenta de educação, conscientização, como já tem ocorrido em algumas experiências (Molina & Skinner, 2022), e o Estado deve fomentar projetos de turismo que estejam vinculados com a recuperação de uma memória coletiva, ligada a acontecimentos trágicos, com um princípio educativo e regenerativo, fato que vai contra o turismo de “ir para ter estado ali”. Além disso, cabe uma atenção às questões de segurança, e, antes de realizar um turismo macabro, deve-se medir o risco, falar com pessoas e avaliar a situação. A responsabilidade está em como ir e informar-se.

Um grande desafio para o turismo hoje é o da transição de um modelo mercantilizado, e muitas vezes desumanizado, para um turismo comunitário de justiça social, com o fortalecimento das identidades, considerando-se o turismo atual uma representação do capitalismo em sua forma mais criativa, capaz de mercantilizar os seus obstáculos de acumulação, as contradições espaciais e o desenvolvimento desigual e combinado, isso em perspectiva multiescalar (global, regional e local).

REFERÊNCIAS

- BBC News. (2018). *Qué es el turismo oscuro, la tendencia en auge a visitar lugares marcados por la tragedia*. BCC News Mundo. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-46395319>.
- Benjamin, W. (1940/1987). Sobre o conceito de história. In: Benjamin, W. *Obras Escolhidas; Magia e Técnica, Arte e Política*. 3 ed. p. 222-234. São Paulo: Brasiliense.
- Canclini, N.G. (2015/1990). *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp.
- Castro-Gómez, S. (2005). Ciencias sociales, violencia epistémica y el problema de la “invención del otro”. In: Lander, E. (org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*. p. 145-162. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales.
- Dark Tourist. (2018). Dir. David Farrier, Paul Horan, New Zealand, Inglês, Netflix.
- Debord, G. (2003). *A sociedade do espetáculo*. Brasil: Terraviva. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>.
- El Espectador. (2019). *Turismo oscuro con un propósito más allá del económico y sin glorificar la delincuencia*. El espectador. Disponível em: <https://www.elespectador.com/turismo/turismo-oscuro-con-un-proposito-mas-alla-del-economico-y-sin-glorificar-la-delincuencia-article-884396/>.
- El Tiempo. (2021). *La macabra práctica turística que está de moda*. El tiempo. Disponível em: <https://www.eltiempo.com/vida/viajar/que-es-el-turismo-oscuro-una-tendencia-que-va-creciendo-en-el-mundo-403322>.
- Fletcher, R. (2016). Tours caníbales puestos al día: La Ecología Política del turismo. *Ecología Política*, 52, p. 26-34. Disponível em: <https://www.ecologiapolitica.info/?p=6670>.

- Gomes, M. P. (2019). *Antropologia: ciência do homem, filosofia da cultura*. 2. ed. São Paulo: Contexto.
- Hernanz, C. (2019). *Turismo oscuro: cuando la tragedia es el reclamo*. RFI. Disponível em: <https://www.rfi.fr/es/sociedad/20190816-turismo-oscuro-cuando-la-tragedia-es-el-reclamo>.
- Martínez, M. (2022). *Aumenta el morbo de viajar a los lugares más macabros del planeta: El fenómeno global del tanatoturismo*. El cierre digital. Disponível em: <https://elcierredigital.com/turismo-y-viajes/145434007/aumenta-tanatoturismo-fenomeno-global-morbo-viajar-lugares-macabros.html>.
- Marx, K. (2011). *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo.
- Molina, M., & Skinner, J. (2022). *El turismo oscuro, un fenómeno que fascina a la humanidad*. Semana. Disponível em: <https://www.semana.com/mundo/articulo/el-turismo-oscurο-un-fenomeno-que-fascina-a-la-humanidad-en-que-consiste/202256/>.
- OMT, Organização Mundial do Turismo. (2022). *Entender el turismo: Glosario*. Disponível em: <https://www.unwto.org/es/glosario-terminos-turisticos>.
- Palomino, A. R. (2014). *La seducción del Dark Tourism*. Trabajo de grado en Turismo. Universidad de Málaga. <https://riuma.uma.es/xmlui/bitstream/handle/10630/8399/TFG%20DEFINITIVO%202.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.
- Silver, M. (2018). *Netflix travel show 'Dark Tourist' isn't worth the trip*. The Whashington Post. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/express/wp/2018/07/22/dark-tourist-review-david-farriers-netflix-travel-show-isnt-worth-the-trip/>.
- Souza, M. L. (2018). Quando o trunfo se revela um fardo: reexaminando os percalços de um campo disciplinar que se pretendeu uma ponte entre o conhecimento da natureza e o da sociedade. *Geosp – Espaço e Tempo*, 22 (2), p. 274-308. <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/147381>.

Recebido em: 14 de novembro de 2022
Aprovado em: 5 de dezembro de 2022

CONTRIBUIÇÃO

Dorival Bonfá Neto: autoria única.